

ROBERTA FERREIRA VOLOBUFF¹, MÁRCIA REGINA MARCHEZAN²

¹Prefeitura de Joinville, Joinville - SC. *E-mail: robertavolobuff@gmail.com

² Professora na Antônio Meneghetti Faculdade, Restinga Sêca - RS.

RESUMO

O presente artigo, através de análise discursiva de linha francesa, aborda os recursos ideológicos componentes da Carta de Seattle, com o objetivo de avaliar as estratégias linguísticas empregadas pelo cacique para persuadir o presidente americano e sua comitiva. Dados os meios dos quais dispõe, o documento analisado mostra sua relevância como sendo representante do discurso da comunidade indígena frente à sociedade e governos mundiais, sobretudo no que se refere à prática de políticas direcionadas a estes povos, uma vez que o entendimento de mundo para o índio, por questões de tradição, está alicerçado na importância da terra e na necessidade de estabelecer a ligação entre passado, presente e futuro; entendimento este que, uma vez transmitido também à comunidade não indígena, proporcionará não só a percepção do caráter de contemporaneidade presente no referido documento, como também o surgimento de reflexões éticas e políticas direcionadas às comunidades indígenas, além de valores que se agregam à cultura, identidade e tradição.

Palavras-chave: Carta de Seattle, Análise do discurso, Ideologia.

ANÁLISE DO DISCURSO IDEOLÓGICO DA CARTA DE SEATTLE**INTRODUÇÃO**

Este estudo visa o examinar a Carta de Seattle conforme a análise do discurso de linha francesa, a partir dos conceitos de Sujeito e Ideologia. Com as informações coletadas, destacamos aspectos relacionados à cultura-histórica que alicerçam discussões contemporâneas sobre diferenças culturais entre índio e não índio.

Apesar do remoto aspecto inerente ao período da escrita, a referida Carta é considerada atual. Acredita-se que esta análise possibilitará o estabelecimento de reflexão sobre a prática das políticas direcionadas aos indígenas no decorrer dos períodos da história, principalmente, no Brasil. Importante destacar papel e ação dos estados

brasileiros, que comportam indígenas, e que em quase nada contemplam esses povos quanto a processos de mudança da visão que estes indígenas possuem acerca de sua própria realidade, levando em consideração posição, espaço e valores agregados a crenças, mitos e ritos, a partir desta “pseudo” inserção num mundo não-indígena.

Contexto histórico

Desde o início do processo de colonização, indígenas sofrem com dificuldades inerentes à posse e permanência em suas terras, caracterizada por invasões e demarcações que tornam público o desrespeito às diferenças culturais, ainda que, como no Brasil, existam leis que os protejam, dando-lhes o direito de cultuar sua alteridade e identidade.

Nos Estados Unidos, as guerras indígenas constituem a formação de um conjunto de conflitos, em que colonos europeus se opõem aos povos que habitavam o território norte-americano desde sua chegada, principalmente entre 1778 e 1890. Apesar de nenhuma guerra contra os habitantes nativos ter sido oficialmente declarada, o exército esteve constantemente em conflito contra esses povos.

A escravatura foi uma das principais causas da Guerra Civil Norte Americana. O acesso às novas terras conquistadas ou compradas dos índios, também foi uma reação ao movimento separatista. Com o tempo, o Sul declara independência do Norte e estabelece uma nova nação, os Estados Confederados da América. A guerra iniciou-se quando forças Confederadas atacaram o Fortn Sumter, um posto militar americano na Carolina do Sul, em 12 de abril de 1861.

Eisenberg (1982), afirma que nas primeiras décadas do século XIX, os EUA tiveram imigração massiva e intensa industrialização, o que fez com que o poderio do Norte crescesse econômica e politicamente. O Sul, graças à fertilidade das grandes várzeas recortadas por rios, prosperava com exportação de fumo, arroz e algodão.

Em 1860, Abraham Lincoln, do Partido Republicano contrário à escravidão, ao assumir o posto de presidente, cognominou os EUA de "Casa Dividida", afirmou que a América não podia viver metade livre, metade escrava! (half free, half slave).

Quando o ataque veio do Sul, Lincoln determinou-se ir à guerra em defesa da União ameaçada. O presidente preservou a união, conseguindo a emancipação dos escravos durante a Guerra Civil.

O SUJEITO E A IDEOLOGIA: ALGUMAS DEFINIÇÕES

O Sujeito

Segundo Fernandes (2005), *“a constituição do sujeito discursivo é marcada por uma heterogeneidade decorrente de sua interação social em diferentes segmentos da sociedade”*.

Destarte, na perspectiva da Análise Discursiva, a composição do sujeito baseia-se no conjunto de ideias, concepções que se formam de acordo com o meio social no qual está inserido e isto se dá de maneira tão sutil e inconsciente que o indivíduo chega a idealizar equivocadamente que seu discurso não tem precedentes e é portanto, uma criação pessoal.

Diz-se ‘equivocadamente’ pelo fato de o sujeito ser fruto de ideias que lhe foram apresentados pela sociedade e absorvidos de maneira que passaram a constituir um pensar e agir discursivos que não lhe são autênticos.

A Ideologia

Fiorin (2004) define a ideologia como um conjunto de ideias, visão de mundo que determinada classe social tem do mesmo. Neste sentido, uma classe social difere da outra, dependendo do momento histórico, condições econômicas e do meio em que o indivíduo está inserido, ele tem sua ideologia, pensa e age segundo esta visão que pode estar ligada a questões políticas, econômicas, sociais e culturais.

Para Chauí, a Ideologia tem a função de ocultar e dissimular o caráter de indivisibilidade das divisões sociais, políticas e culturais, apesar de estas divisões e diferenças sociais existirem notoriamente; fazendo com que as ideias da classe dominante passem a ser as ideias de todos, de maneira que as contradições entre força de produção, relações sociais e consciência sejam mascaradas. Revelando que a premissa maior é impedir que a exploração seja percebida na sua realidade concreta (CHAUÍ, 2004).

Segundo Fiorin (2004), a ideologia dominante pertence à classe dominante que, na produção capitalista, representa a burguesia. Por trás da ‘verdade’ dominante há outra não exposta, pois as ideias ao pretenderem explicar a realidade camuflam-na, com o intuito de que os interesses das classes dominantes não sejam violados, mas protegidos e promovidos através de uma realidade apresentada de maneira justa.

Para Ricoeur (1977), o conceito ideologia está ligado aos aspectos hierárquicos da organização social, cujo sistema de autoridade interpreta e os justifica; assim a função da

dominação é a de deformação, que nos leva “a tomar a imagem pelo real, o reflexo pelo original”.

ANÁLISE DA CARTA DE SEATTLE

Análise do sujeito

Brandão (1993), atribui ao sujeito caráter social, cuja ideologia coexistente permeia outros dizeres. O sujeito não pode ser concebido como fonte única do significado; mesmo porque o sujeito que fala, não é o mesmo que pensa, que por sua vez não o mesmo que, de fato, é. A origem e o agente construtor da realidade residem, com base em Bakhtin, no conjunto de vozes que se somam e que o instauram como sendo o cerne da relação dos aspectos sócio-históricos e ideológicos – conferindo-lhe um caráter de heterogeneidade.

Para este caso, o sujeito é histórico, social e cultural, está ligado às questões da ideologia e poder político consciente. Histórico, ligado às questões do mundo, tanto o velho (Europa) quanto ao novo (Américas) que o cerca; social, não é sujeito uno, mas coletivo.

O sujeito - personificado pelo cacique Seattle - é constituído por várias outras vozes oriundas de um povo que clama por libertação, mostra-se forte e marcante a presença de vozes políticas que oprimem e coagem a tomada da decisão de efetivamente ceder às instâncias de suposta venda da terra.

Ao fazer uso, em seus dizeres, do plural de falsa modéstia – tanto pela utilização dos pronomes em segundas pessoas, como pela flexão dos verbos – o cacique coloca-se como o porta-voz do povo indígena do qual faz parte. Dizeres estes que induzem ao questionamento de haver a possibilidade de querer comprar algo cujo dono, em verdade, inexistente. A própria utilização de elementos concretos que compõem o meio natural vêm para exemplificar a impossibilidade de atribuir posse da terra a alguém. *“Como pode-se comprar ou vender o céu, o calor da terra? Tal ideia é estranha. Nós não somos donos da pureza do ar ou do brilho da água. Como pode então comprá-los de nós?”*. Não há relação de propriedade senão de coexistência, o homem, independente da etnia, é um ser que vive em função dos proveitos e benefícios que ela, a terra, é capaz de oferecer.

Há uma crítica ao capitalismo embutida na passagem: (Esquece os antepassados e os direitos dos filhos); crítica cuja massificação do ideal de desenvolvimento / ascendência induz o homem a esquecer e se desvincular daquilo que deveras lhe traz benefícios. *“Não parece que o homem branco se importe com o ar que respira. Como um moribundo, ele é*

insensível ao mau cheiro". As determinações culturais dos Seattle determinam as redes sociais que, por sua vez, são determinados socialmente por regras, rituais e entendimento de mundo. A importância da terra enquanto elemento *sine qua non* de vida.

O que define o sujeito, de fato, é o lugar de onde fala e para quem fala. Foucault (2005) diz que *"não importa quem fala, mas o que ele diz não é dito de qualquer lugar"*. Na realidade o lugar, aquele específico, é um espaço cheio de representações sociais, que é uma unidade apenas abstrata, tendo em vista que na prática, é atravessada por dispersão.

Análise do discurso

O discurso elaborado na Carta possui um efeito de sentido, como Orlandi (1999) explica, *"a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento"*. Neste caso, o mesmo se moveu em direção à comunidade Seattle, pois este nunca está só, sempre perpassa por pessoas que o antecederam e que mantêm uma contraposição constante, para o legitimar, para o confronto. A elaboração deste está alicerçada no princípio constitutivo, o dialogismo. Logicamente este discurso presente na Carta aparece povoado por outros discursos. Neste sentido, a linguagem não foi um simples elemento de comunicação ou de informação. Foi o lugar de conflito e confronto, pois só pode ser apanhada no processo de imposição social entre dominado e dominador.

Para Bakhtin, condições sociais, espaço temporal e físico determinam heteroglossias, ou seja, as significações oriundas de diferentes grupos sociais, temporais e geográficos. Desta forma, o texto da Carta sustentou uma discussão de posse, de momentânea completude. Inserindo culturas diferentes, com história e memória distintas, sendo que cada objetivo nasceu de um diálogo de interesses desiguais.

O chefe Seattle tenta sensibilizar o novo dono da terra sobre como tratar a natureza, apesar deste não ter a permissão de possuí-la, pois ele é um invasor poderoso cuja ação facilmente os destruiria. Induzido pelo fazer do 'comprador' a única saída plausível para os membros da tribo seria o isolamento na reserva, pois um confronto armado poria fim efetivo aos membros da comunidade indígena.

O discurso fala muito mais do que ali estava escrito. *"A multiplicidade de sentido é inerente à linguagem"* (ORLANDI, 1988). Na fala proferida pelo Chefe Seattle é explicitada a preocupação de guardar e preservar a natureza, este o legado de seu povo. Porém, o pronunciamento vindo da parte do Presidente Pierce deixa claro seus objetivos, contrapondo-se ao do cacique e seu povo. O discurso do presidente apresentava, ademais do objetivo de adquirir terras indígenas, uma visão capitalista e progressista, cujo interesse

estava no desenvolvimento e produção comercial e industrial, o que comporta estradas de ferro e imigração em massa do não índio vindo da Europa.

Através da forma como se tece a alocução do cacique, o presidente americano e sua comitiva, adverso ao discurso do povo Seattle, mantinha uma outra ordem discursiva e ideológica que revelava sua verdadeira visão de mundo, bem como de seus objetivos.

As modificações no fluxo e ritmo de vida são observadas à medida em que o texto aparece vendando as alterações cuja chegada destes novos povos e a consequente expulsão dos indígenas dos seus territórios acarretariam para esta comunidade; a realidade exposta pelo documento revela ao interlocutor a impossibilidade do não aceite dos povos nativos ante a proposta feita pelo Presidente, uma vez que a referida proposta foi mais uma forma diplomática de estabelecimento da assertiva de que esta era a única alternativa a que os indígenas teriam acesso, caso desejassem a manutenção da sobrevivência de sua raça. Ainda assim, o Cacique preserva o direito de demonstrar o impacto que a ação e as interferências do não índio ocasionariam, como explicita a passagem que segue:

“O destino de vocês é um mistério para nós. [...] Quando o último pele-vermelha tiver desaparecido com sua selva e sua lembrança for apenas sombra de uma nuvem movendo-se por sobre a pradaria, ainda estarão aqui estas praias e estas florestas? Restará ainda algo do espírito do meu povo? Nós amamos esta terra tal como o recém-nascido ama as batidas do coração de sua mãe. Por isso, se lhe vendermos a nossa terra, ame-a como nós a temos amado. Preocupe-se com ela como nos preocupamos” (Carta de Seattle, 1854).

Para o homem que vive sobre critérios do capitalismo, um lote de terra é igual ao outro, desde que a terra seja produtiva, é complexo compreender o modo indígena de ser e viver. Assim, entende-se que esse homem que expulsa o indígena de suas terras é um forasteiro que chega à calada da noite e tira da terra tudo o que necessita sem ter a preocupação de pensar em sua relevância enquanto agente indispensável para a sobrevivência da humanidade (Carta de Seattle, 1854). Já o indígena vê a terra como sua irmã. Em função disso a protege e mantém uma estreita relação com ela, tendo-a como princípio da vida, o que se contrapõe com a comunidade não índia, pois depois de conquistá-la, vai embora, abandonando os túmulos de seus antepassados.

Ideologia Contida na Carta de Seattle

A atitude do governo Franklin Pierce, deu a entender que pretendia comprar o território ocupado pela tribo Suquamish; esta atitude estava baseada na ideologia cuja essência reside em que todas as coisas têm um preço.

Diante desta situação, o cacique Seattle manifesta sua estranheza acerca dos valores do homem “civilizado”.

Diz o índio: “- *Como se pode comprar ou vender o céu, o calor da terra?*”

Eis o choque de ideologias. De um lado, o que a nada se apega e que se julga dono da terra. De outro, o que vive uma simbiose perfeita com a natureza, que se sabe enquanto não possuidor da terra e sim fazedor de parte dela.

A noção de propriedade faz parte da ideologia do sistema capitalista. As ideias de harmonia e simbiose são frutos de um modo comunitário de vida. Atualmente, os ambientalistas procuram difundir a ideologia indígena expressa nas palavras abaixo:

“Sou um selvagem e desconheço que possa ser de outro jeito. Vi milhares de bisões apodrecendo nas pradarias abandonados pelo homem branco que os abatia a tiros disparados do trem. Sou um selvagem e não compreendo como um fumegante cavalo de ferro possa ser mais valioso que um bisão, que nós, peles vermelhas matamos apenas para sustentar a nossa própria vida?” (Carta de Seattle, 1884).

Impressiona a atualidade discursiva presente na fala do cacique Seattle que, em 1854, defendia o manejo sustentável dos recursos naturais, noção essa ainda não muito entendida pelos políticos e legisladores do nosso tempo.

Marilena Chauí e José Luiz Fiorin ajudam-nos a entender a ideologia do branco, correspondente à ideologia burguesa; e a ideologia do cacique Seattle, uma lição de preservação e continuidade à vida, respeito e amor universais.

“Se te vendermos a nossa terra, ama-a como nós a amávamos. Proteja-a como nós a protegíamos. “Nunca se esqueças de como era esta terra quando dela tomaste posse”. E com toda a tua força o teu poder e todo o teu coração - conserva-a para teus filhos e ama-a como Deus nos ama a todos.” (Carta de Seattle, 1854).

O cacique se afirma pela negação. Há uma série de não-ditos que explicitam sua verdadeira intenção de embate. O branco desprovido do caráter da essência, sua trajetória nada mais é que a marcação pela execução de atos que negam seu próprio caráter; pondo em xeque ainda seu título de aparente civilidade em relação à “selvageria” indígena.

Os “humilhados na derrota” trazem uma justificativa. O homem branco induziu o indígena a “inserir-se” numa cultura que corrompe os valores e, por conseguinte destrói a cultura de um povo que define e desaparece.

A inserção no mundo “civilizado” implica na extinção prevista pelo cacique. Tanto que numa visão quase apocalíptica do futuro da raça humana: “O homem branco também vai desaparecer, talvez mais depressa do que as outras raças”. Há o intento de esclarecer que a decisão pela venda - embora impossível de ser realizada visto que, não se vende aquilo que não se possui – implicará no curso e no término que o branco dará não só à sua, mas à vida no planeta.

CONCLUSÃO

De acordo com Foucault, o meio no qual o indivíduo está inserto influi diretamente na constituição do sujeito e sua identidade, uma vez que a posição que cada um pode e deve ocupar é fator determinante para construção de um sujeito agente sobre o seu próprio fazer. Da mesma forma, não há como dissociar criação do sujeito e formação de seu discurso, pois o sujeito é constituído pelo discurso do qual faz uso.

Nesta perspectiva, encontra-se o cacique cuja impossibilidade de relutância e/ou até mesmo recusa da ‘pseudo’ proposta, coloca-o num estado de ausência de ação de cumprir o intento do seu fazer, induzindo-o à prática de atos manipulados e da não percepção dos estados/saberes não se inclui seus próprios ‘quereres’.

A Análise do Discurso revela as ideologias contidas no mesmo, pois esta é uma construção de mundo que só pode ser analisada considerando o seu contexto histórico e social. De acordo com o período no qual a referida Carta fora escrita, há o explicitar do forte aspecto de atualidade a ela agregado. Torna-se um marco fundamental, pois a partir dela questões indígenas, bem como leis protetivas, políticas governamentais, direitos sobre a terra, cultura e religião adquirem uma nova perspectiva.

Pode-se ressaltar, por fim, a importância das considerações feitas pelo chefe Seattle, em que o tempo presente pode representar o futuro predito em relação à natureza e à falta de respeito aos povos indígenas. Podemos verificar que agressões, a não-aceitação às

comunidades nativas consideradas “diferentes” e a tomada de suas terras, permanecem ainda uma realidade.

REFERÊNCIAS

1. BRANDÃO HH. Nagamine – Introdução à Análise do Discurso. 6ª ed. Campinas: UNICAMP, 1997.
2. CARTA DE SEATTLE. Disponível em: <http://www.ecoterrabrasil.com.br> (Tradução equipe de Floresta Brasil). Acesso em: 10 jan. 2008.
3. EISENBERG PL. Guerra Civil Americana. São Paulo: Brasiliense S.A. 1982.
4. FIORIN JL. Linguagem e Ideologia. São Paulo: Ática, 1988.
5. FOUCAULT M. A Ordem do Discurso. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 1996.
6. FOUCAULT M. A arqueologia do saber. 7ª ed. Tradução Luiz Felipe Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
7. GOMES L, LAS CASAS B. Defensor dos Direitos Humanos. São Paulo: Paulinas, 1991.
8. KOCH IGV. A Interação pela Linguagem. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.
9. MAINGUENEAU D. Análise de Textos de Comunicação. São Paulo: Cortez, 2001.
10. MAINGUENEAU D. Termos-Chave da Análise do Discurso. Belo Horizonte: Ed. UFMS, 1998.
11. NEW YORK TRIBUNE. In: WILLI PAUL ADAMS. R4 Los Estados Unidos de América, 1979; 100p.
12. ORLANDI EP. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. 4ª ed. Campinas: Pontes, 2001.
13. ORLANDI EP. Análise do discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.
14. PINTO MJ. Comunicação e Discurso. São Paulo: Hackers, 1999.